

GEOHISTÓRIA DA SOCIEDADE PANÓPTICA

GEOHISTORY OF THE PANOPTIC SOCIETY

 Jahan Natanael Domingos Lopes ¹¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil**Resumo**

Pela abordagem da geohistória, buscou-se uma compreensão da sociedade nos processos genealógicos do poder. A partir da etimologia, intenta-se a empiria da geohistória como Terra-olho, avistando o espaço-tempo em uma experiência panóptica. Em seguimento, abriram-se dois caminhos: 1) o do Panóptico como arquitetura circular à sociedade disciplinar e 2) o da sociedade disciplinar à sociedade panóptica. Assim, o Panóptico – entre a torre central que tudo vê e a prisão, em celas centrífugas, que nada vê – reproduz-se como funcionalidade ao capitalismo para se extrapolar a produção e o consumo. Na atualidade, guia-se à sociedade panóptica, na propulsão da globalização, cujo coração é o ciberespaço, a virtualidade do espaço digital. Chega-se ao império dos olhos, nos juízos de distinção e de semelhança, configuradores de estruturas conflitantes e vigilantes entre si. Admite-se, ainda, o geopanóptico na constituição macrofísica da conversão entre o saber (pela informação) e o poder (pelo controle); isto é, multipanóptico da sociedade global. Por um pensamento crítico, visaram-se aos mecanismos sociais controladores dos corpos e das almas.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Panoptismo; Poder; Saber.

Abstract

Through the approach of geohistory, an understanding of society in the genealogical processes of power was sought. From the etymology, the empirical nature of geohistory is intended as an Earth-eye, seeing space-time in a panoptic experience. Following this, two paths opened up: 1) that of the Panopticon as a circular architecture to the disciplinary society and 2) that of the disciplinary society to the panoptic society. Thus, the Panopticon, between the central tower that sees everything and the prison, in centrifugal cells, that sees nothing, gives itself as a functionality to capitalism to extrapolate production and consumption. To this day, the panoptic society is guided by the propulsion of globalization whose heart is cyberspace, the virtuality of digital space. We arrive at the empire of the eyes, in the judgments of distinction and similarity, which configure conflicting and vigilant structures. The geopanopticon is also admitted in the macrophysical constitution of the conversion between knowledge (through information) and power (through control); that is, multipanopticon of global society. Through critical thinking was aimed at the social mechanisms that control bodies and souls.

Keywords: Geographical thought; Panopticism; Power; Knowledge

Recebido em: 17/07/2024 | 10/06/2026

Correspondência para: Jahan Natanael Domingos Lopes (jahan_natanael@hotmail.com)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um contexto epistemológico, promove-se a geohistória pela sua etimologia originária: Terra-olho. Nesse conceito, criado a fim de explicitar a intenção do pensamento geohistórico, tem-se a geohistória empírica como o próprio processo de panoptização da sociedade. Em sucessivos momentos, a sociedade transformou-se: sociedade de soberania, sociedade disciplinar, sociedade de controle e, na atualidade, sociedade panóptica. Assume-se, assim, o acúmulo de poder através do capitalismo com o intuito de promulgar o panóptico: arquitetura circular de controle – entre a torre central que tudo vê, sem nunca ser vista e as celas empilhadas, centrífugas à visão, sem nunca verem. A constituição do panóptico nas





diretrizes sociais visa à propulsão estrondosa da produção e do consumo em uma busca do controle absoluto dos corpos e das almas.

Dessa configuração, a sociedade panóptica é conduzida como um mecanismo de articulação entre o saber (pela informação) e o poder (pelo controle). O coração dessa mecânica projetada no espaço-tempo é o ciberespaço, virtualidade do espaço digital entramador de aparelhos técnicos. O império de olhos, pela sociedade global, articula-se na ênfase da internet, em juízos de distinção e de semelhança, promovendo estruturas conflitantes e vigilantes umas às outras. Empresas administradoras das técnicas de informação são proeminentes dispositivos de ditamização moral e de efetivo controle dos fluxos e afluxos do saber, respectivamente, de abertura e de fechamento dos olhos. Disso, atinge-se o conceito de geopanóptico, virtual e real, como mecanismo multipanóptico do mundo geográfico.

Este projeto, certamente mais epistemológico do que historiográfico da sociedade, promove uma abordagem de pensamento intercomunicativo entre a microfísica e a macrofísica da sociedade. A geohistória torna-se empírica na experiência panóptica da globalização. Em vista crítica, é urgente a compreensão geográfica dos mecanismos ajustados pela conversão entre saber e poder. Chega-se à atualidade por uma percepção geopanóptica verdadeiramente monstruosa, avassaladora da liberdade e perpetuadora das injustiças, hierarquias e desigualdades. Espera-se, em convite, que esse trabalho sirva como caminho aberto para outras possibilidades de compreensão da sociedade e, ao mais, do papel da geografia.

INTRODUÇÃO

De modo geral, os mecanismos de poder nunca foram muito estudados na história. Estudaram-se as pessoas que detiveram o poder. Era a história anedótica dos reis, dos generais. Ao que se opôs a história dos processos, das infraestruturas econômicas. A essas, por sua vez, se opôs uma história das instituições, ou seja, do que se considera como superestrutura em relação à economia. Ora, o poder em suas estratégias, ao mesmo tempo gerais e sutis, em seus mecanismos, nunca foi muito estudado.

(Foucault, Vigiar e Punir, 2022, p. 230, grifo nosso)

Em vista de compreender a relação entre a geografia e a história, discutir-se-á a manifestação do seguinte conceito: a geohistória. Antes de uma compreensão geográfica, trata-se de um assalto à geografia pela ciência histórica: “A geografia é ela mesma saqueada, assimilada ao seu redor pelas ciências conquistadoras do homem... Pensem na história geográfica que tentamos promover e batizar de geo-história.”¹ (Braudel, 1951, p. 486). Desse modo, instrumentaliza-se o pensamento geográfico para aventurar-se na análise do tempo, promovendo uma história estrutural. Com atenção, define-se que: “Uma estrutura é algo que não se desmancha, ainda que se transforme. Ela acompanha e define os contornos mais amplos da história das sociedades. A geografia é uma estrutura; ela desafia a história.” (Ribeiro, 2011, p. 69). Assim, transfigura-se em estrutura o próprio tempo a partir do espaço, ou seja, fragmenta-se o tempo em uma unificação do espaço, sem jamais esquecer a variabilidade da escala.



O esforço de pensar uma geohistória, porém, advoga-se em uma intencionalidade abrangente, configurando uma escala capaz de englobar toda uma civilização. Não à toa é-se passível de dizer: “a geo-história é um operador do tempo imóvel” (Dosse, 2004, p. 127). Em pequena escala, vendo-se a Terra de modo mais afastado, o olhar apolíneo da realidade irrompe um tempo longo. Nota-se enfaticamente que, visionando ao complexo geográfico, o pensamento “braudeliano é todo geo-histórico, posto que incorporar o meio e o espaço significava estratégia epistemológica a fim de operar uma história estrutural. Se as civilizações são espaços e fenômenos de longa duração, a geografia é parte crucial dessa gramática.” (Ribeiro, 2011, p. 80). A partir dessa perspectiva, encontra-se uma possibilidade geográfica de aberturas de fenômenos de grande magnitude, de épocas inteiras ou, reiterando, de civilizações por completo em sua estrutura histórica.

Em gênese epistemológica, essa abordagem advém de Fernand Braudel (1902-1985) através do neologismo conceituado como geo-história. Entende-se, desse conceito, uma ligação entre o passado e o presente: “Vivemos ao mesmo tempo no curto e no longo prazos: a língua que falo, o ofício que exerço, minhas crenças, a paisagem humana que me rodeia, eu herdei; existiam antes de mim, existirão depois de mim.” (Braudel, 1996, p. 72). Para tanto, abre-se uma visão crítica acerca da própria geografia, a saber, pela relação da escala espacial com a escala temporal. Por esse caminho, visa-se a: “Obrigam a geografia a repensar, com seus métodos, seu espírito, as realidades passadas e, por isto mesmo, aquilo que poderíamos denominar os devires da história.”² (Braudel, 1949, p. 295). Nesse sentido, a auscultação do tempo é condutora para a espacialização da sociedade, ao propor uma geografia como fundamento da história social.

Há uma contradição importante a ser ressaltada: trata-se, aqui, a geo-história como história geográfica e a geohistória como geografia histórica. Notam-se, adentro da relação ambivalente, conceitos referenciados, afinal, por um geógrafo define-se que: “É evidente que na obra de Fernand Braudel trata-se da **geografia histórica**, uma geografia (como ele diz) que não é ‘um fim em si’, mas um ‘meio’ que permite ao historiador compreender melhor as situações e as evoluções passadas” (Lacoste, 1989, p. 176, grifo nosso). Em contraposição, retoma-se de modo a acurar a sentença epistemológica na definição tomada pelo próprio historiador: “Pensem na **história geográfica** que tentamos promover e batizar de geo-história [*géohistoire*].”³ (Braudel, 1951, p. 486, grifo nosso). Desse modo, busca-se não cair em equívocos pelas palavras, mas, sobretudo, enfatizar o destaque ao intento deste trabalho, ao situar o conceito de geohistória como interdisciplinar entre a geografia e a história.

Sem delongas, pontua-se o pensamento geohistórico enquanto abordagem à compreensão da sociedade panóptica. De acordo com Foucault (2014, p. 202), pela abrangência de uma rede de dispositivos: “O arranjo panóptico dá a fórmula dessa generalização. Ele programa, no nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível, o funcionamento de base de uma sociedade toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares.” Para a transcendência de uma prisão circular para uma sociedade disciplinar, encaminha-se a possibilidade de abordagens espacial e temporal do olhar: “O poder instilado pela relação panóptica entre o olhar e a estrutura arquitetônica maximiza a vigilância que



incide diretamente sobre um corpo na sua distribuição no espaço e torna as coisas visíveis, faz ver, ou seja, produz visibilidade. ” (Santos; Portugal, 2019, p. 36). Nessa relação da estrutura arquitetônica à estrutura social, conduz-se a um pensamento social pelo espaço-tempo conforme uma estruturação histórico-geográfica.

Com esse caminho, orienta-se a uma reflexão transpassando entre o passado (histórico) e o presente (geográfico) para o rumo da sociedade Pós-Moderna. De modo geral, adentra-se, primeiro, na genealogia do poder disciplinar pela: “transformação histórica dos dispositivos de disciplina nos séculos XVII e XVIII, que são a formação de uma sociedade disciplinar. Essa demonstração dos institutos de disciplina é a ponta visível do iceberg de um processo de reestruturação social. ” (Tôrres, 2007, p. 3). Prossegue-se, ao processo de constituição da sociedade panóptica, para o seguinte sistema social de olhos circundantes vigiando as manifestações humanas: “Somos bem menos gregos que pensamos. Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens. ” (Foucault, 2014, p. 210). Tamanha abstração corresponde, aqui, apenas a um vislumbre a ser detalhado no decorrer do trabalho, intentando analisar, exatamente, esse hiato entre uma sociedade disciplinar, de corpos dóceis e uma sociedade panóptica, de almas dóceis.

Ademais, tenciona-se a analítica geohistórica da sociedade panóptica. Dito isso, as concepções do espaço, da economia e da sociedade serão perscrutadas na abordagem da geografia histórica, afinal: “A *géohistoire* é, portanto e antes de tudo, algo aberto e plural (não é assim todo o pensamento do historiador francês?). ” (Ribeiro, 2011, p. 72). No sentido de conceber o desenvolvimento dos olhos, têm-se na explosão urbana, sobretudo com o impulso industrial, os ditames do capitalismo ao impacto da vigilância social: “Nas cidades, porém, **aos olhos de todos**, exibe-se o espetáculo alarmante de uma população de trabalhadores vítimas da indústria que, quando lhes fornece trabalho, pouco se preocupa com suas condições de vida. ” (Braudel, 2004, p. 358, grifo nosso). É nessa sociedade de olhos atentos – quer sejam os olhos das câmeras, quer sejam os olhos dos corpos, quer sejam os olhos invisíveis da autodisciplina – que se fundamenta a sociedade panóptica.

No âmago da sociedade contemporânea, vislumbra-se um tônus histórico ao processo geográfico do panoptismo. Guia-se, pela geohistória, a perspectiva a embasar o percurso da história social imersa em uma geografia dos olhos. Em duas seções subsequentes pautam-se: 1) do Panóptico, como arquitetura circular, à sociedade disciplinar e 2) da sociedade disciplinar à sociedade panóptica. Dessa maneira, entre o espaço e o tempo, tem-se a configuração do movimento social. Enredado pelo contexto do poder, marca-se, enfim, um sentido crítico para a compenetração da situação sócio-global.

A PRISÃO DA SOCIEDADE

O que você diria, se, pela gradual adoção e diversificada aplicação desse único princípio, você visse um novo estado de coisas difundir-se pela sociedade civilizada? Se você visse a moral reformada; a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó



górdio das Leis sobre os Pobres não cortado, mas desfeito – tudo por uma simples ideia de arquitetura?

(Bentham, O Panóptico ou a casa de inspeção, 2008, p. 84)

Ao rumo de perpetrar a correlação geohistórica com a sociedade panóptica, o elemento principal de conexão é o próprio olho. Diz-se isso à guisa etimológica: “O *hístōr* seria, antes de tudo e por princípio, um olho – e *historíē*, por sua vez, alguma coisa (senão uma história) relativa ao olho.” (Hartog, 2014, p. 22). A história contém em si a concepção óptica, isto é, permite uma percepção dos acontecimentos dimensionados em uma narrativa. Contudo, trata-se de uma interpretação grega, hoje não há uma relação direta da história com o olhar: “Na etimologia de ‘História’ encontramos o termo grego *hístōr*, aquele que viu ou sentiu, que expressa o seu forte caráter de testemunho. O nosso sentido de história está muito afastado do original, já que para nós o conceito está ligado à ideia de um gênero científico.” (Molina, 2014, p. 20). Em um resgate ocular, toma-se a geohistória pela ligação entre *gé* (Terra) e *hístōr* (olho) para um conceito de Terra-olho: a visão da Terra, como um globo ocular, em uma caracterização monóptica.

O único olho – monóptico – guia uma única história geral, contemplando a totalidade em uma estrutura visionada por um todo. A geohistória, em si mesma, é um mecanismo de poder óptico, ver para saber: “Ver, fazer ver, é a metade de nossa tarefa. Ver, se possível, com os nossos próprios olhos.” (Braudel, 1987, p. 17). Entende-se essa perspectiva para além de uma noção pragmática, haja vista o olho fruir poder: “a *historíē* não é, de início ou somente, uma operação que, do ver, extrai o saber, mas principalmente um processo linguístico que, em certos casos, consegue fazer ver.” (Hartog, 2014, p. 25). A Terra, entendida como um olho, orienta a identidade do olhar, operando por um mesmo mecanismo, todavia, irradiando múltiplas possibilidades aos distintos seres olhados. A geohistória, enquanto conhecimento situado em um contexto monóptico, enquadra a disciplinarização do olhar gestando o grande olho, o sistema-mundo. Dito isso, convoca-se a seguinte proposição: “O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. [...] lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem.” (Foucault, 2014, p. 170). Nessa condição, o olho estiliza-se em uma infinidade de olhos – um panóptico – captando, com precisão, a sociedade humana em cada detalhe do movimento da realidade social.

A Terra-olho é a ditamização – o processo da ordem ditada – da identidade para a diferença. Dessarte, para essa interpretação, a história e a geografia alegam uma circularidade: “Há uma maravilhosa história geográfica e uma vigorosa geografia histórica, que não podem ser colocadas na balança com a ecologia pontilhista dos sociólogos.” (Braudel, 2009, p. 100). A geo-história/geohistória é condição, mais que natural e mais que social, para a compreensão da sociedade: sendo ela, a geohistória, a estrutura do olho (Terra-olho) que dimensiona a estrutura dos olhados (Mundo-visto), ou seja, a empiria da geohistória consome a sociedade de vigilância. Para esse conceito social, complexifica-se: “Enquanto o modelo panóptico representa uma situação em que ‘um’ monitora ‘vários’, o momento atual é marcado também

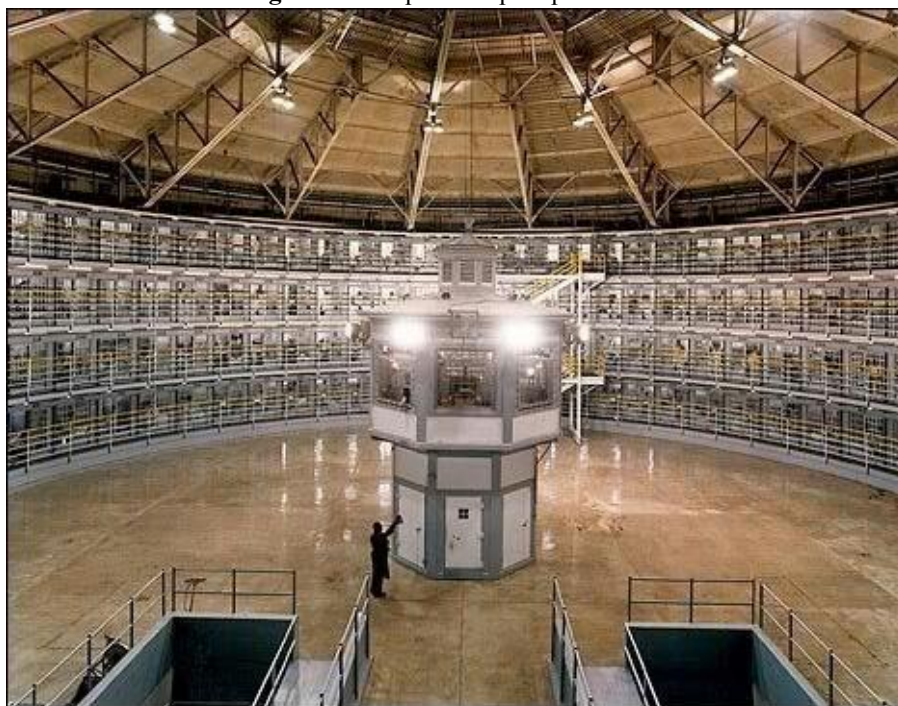


por situações em que, inversamente, ‘vários’ vigiam ‘um’, ou ainda, ‘vários’ vigiam ‘vários’.” (Melgaço, 2016, p. 259). Desse modo, o olho geográfico é a estrutura de poder em um contexto de vigilância generalizada a toda a sociedade global.

A gênese desse processo, pois, inicia-se na arquitetura circular. Nessa proposta introduzida pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham (1748-1832), o panóptico é uma construção de relação entre o centro, a torre de vigia e a periferia, essa sendo celas empilhadas e centrípetas à torre. Assim, elucida-se essa arquitetura pela fotografia 1. Em outras palavras: “O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto.” (Foucault, 2014, p. 195). Antes de mais, concebe-se uma configuração de amplas possibilidades de controle não restrito ao cárcere: “O Panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas.” (Miller, 2008, p. 89). Por esse caminho, entende-se um modelo de ambientação social de vigilância onipresente entre os ditames do olhar. O poder do olho é elevado ao máximo de sua capacidade, penetrando o corpo e a alma de cada residente desse complexo maquinário de poder.

A inocência dessa arquitetura é nula, trata-se de um dispositivo social de controle absoluto. Em um processo de disciplinarização, reproduz-se um sistema tirânico do comportamento humano: “O Panóptico é um zoológico real; o animal é substituído pelo homem, a distribuição individual pelo agrupamento específico e o rei pela maquinaria de um poder furtivo.” (Foucault, 2014, p. 197). Desse modo, averigua-se o completo controle dos corpos e das almas, ou ainda, dos comportamentos e dos aspectos psicológicos da humanidade. Com ênfase, firma-se uma busca da vigilância perpétua: “O Panóptico será o espaço do controle totalitário. Tudo nele será então pesado, comparado, avaliado. Tudo será localizado. Tudo será discutido. Tudo terá um sentido explicitável. O mundo, nesse lugar, será de cabo a rabo dominado.” (Miller, 2008, p. 92). Nesse caminho, através do olho que tudo vê e nada deixa enxergar, projeta-se um complexo de normatização que toma as rédeas da moral e imputa, do comando da torre, as regras do espaço social.

Com efeito, a própria noção de geohistória como Terra-olho é empiricizada pela sociedade panóptica. Isto é, da arquitetura à sociedade, encaminha-se: “A maturação de uma economia capitalista proporciona uma modalidade específica de poder disciplinar que funciona através de regimes políticos, aparelhos ou instituições muito diversas.” (Tôrres, 2007, p. 5). Por isso, entende-se o capitalismo como um amplo enredamento de poderes, ou melhor, como uma teia de acumulação de poder, afinal: “nos é dado compreender sob a palavra capitalismo, sendo este uma acumulação de poder (que baseia a troca numa relação de força, tanto e mais do que na reciprocidade das necessidades), um parasitismo social, inevitável ou não, como tantos outros.” (Braudel, 2009, p. 8). Entrama-se o parasitismo da vigilância, em diversas escalas, intencionando o controle social em cada uma de suas nuances comportamentais e moldando o espírito nacional aos ditames da moral objetivada pelos aparelhos disciplinares.

Fotografia 1. Arquitetura panóptica

Fonte: (Silva, 2013, p. 266)

Os mecanismos de poder estão atrelados ao movimento do capitalismo, pois tanto a distribuição, quanto a concentração de poder, são aceleradas por esse sistema. De modo certo, acomete-se que: “Vigiar se torna então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve duplicá-lo em todo o seu comprimento.” (Foucault, 2014, p. 171). Logo, a inserção da vigília perpétua possui uma vinculação explícita com o modo de produção: a sociedade disciplinar é funcional para a sociedade capitalista, já que intensifica e radicaliza as suas engrenagens; nessas bases concebe-se a sociedade panóptica. Aparecem, então, os olhos em seus abrires e fechares intencionados à produção, isto é: “extensas cadeias mercantis estendem-se entre a produção e o consumo e foi certamente a sua eficácia que as impôs, em especial para o abastecimento das grandes cidades, e o que incitou as autoridades a fecharem os olhos ou, pelo menos, a relaxar o controle.” (Braudel, 1987, p. 37). Desse sentido, acopla-se o vigiar como motivado pelo contexto de propulsão do capital, promulgando à economia do poder um alastramento de dispositivos direcionados da produção ao consumo.

Em guia histórica, aperfeiçoa-se a condição social em distintos momentos de configurações: a sociedade de soberania, a sociedade disciplinar, a sociedade de controle e a sociedade panóptica. Trama-se, aqui, a seguinte referência: “Foucault localizou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; elas atingem seu apogeu no início do século XX. [...] Mas o que Foucault reconheceu também foi a transitoriedade deste modelo: sucedeu ao das *sociedades de soberania*”⁴ (Deleuze, 1992, p. 3, destaques do autor). Nisso, há uma transformação do poder, demonstrando uma variabilidade a depender do contexto: “esse poder



não soberano, alheio à forma de soberania, é o poder disciplinar.” (Foucault, 2022, p. 291). Como há a transformação de uma sociedade em outra, transformando um mecanismo de poder em outro, afere-se à atualidade: “após a Segunda Guerra Mundial: uma sociedade disciplinar era o que já não éramos, o que tínhamos deixado de ser. [...] Estas são as *sociedades de controle*, que estão em processo de substituição das sociedades disciplinares.”⁵ (Deleuze, 1992, p. 3, destaque do autor). Nessa trajetória, orienta-se – para a próxima seção – uma nova fase de condição da sociedade global, pela efetivação da sociedade panóptica.

No percurso construído até agora, observa-se a transição da arquitetura panóptica a uma ideação de um processo em curso: para a sociedade panóptica. Entende-se, portanto, a geohistória, a partir da etimologia de Terra-olho, concebendo o saber da própria dinâmica dos mecanismos de poder. Efetivar a geohistória empírica é, tão já, tornar tudo e todos em vigilância. Através do capitalismo, os poderes – soberania, disciplina, controle – transitam em transformação da sociedade através do impulsionamento da produção e do consumo. Dessarte, a distribuição e a concentração de poder manifestam-se no tempo e no espaço de modo a projetarem o espaço-tempo panóptico; é-se, por conseguinte, nessa trilha que se encontrarão os fundamentos de discussão para a compreensão da atualidade.

GEOPANÓPTICO

Acima da massa imensa da vida material de todos os dias, a economia de mercado estendeu suas malhas e manteve em vida suas diversas redes. E foi, habitualmente, acima da economia de mercado propriamente dita que o capitalismo prosperou. Poderia dizer-se que a economia do mundo inteiro é visível num verdadeiro mapa em relevo.

(Braudel, *A dinâmica do capitalismo*, 1987, p. 26)

No curso do desenvolvimento da *História*, esse olho que absorve o tempo e que conduz ao alastramento do poder sobre o espaço, enquanto geohistória, difunde-se em um saber legitimador do poder. Como geopolítica, percebe-se o conhecimento dos centros às periferias: “**Sob os nossos olhos**, uma parte do Terceiro Mundo industrializa-se, mas com uma dificuldade inaudita, com inúmeros fracassos e uma morosidade que parece *a priori* anormal.” (Braudel, 1987, p. 68, grifo nosso). O globo torna-se ocular à medida que o conhecimento é vinculado ao capitalismo por um modo técnico-científico-informacional de difusão de poder. Tem-se, portanto, em definição: “um meio geográfico a que podemos chamar de meio técnico-científico-informacional, característico não apenas da vida urbana, mas também do mundo rural, tanto nos países avançados como nas regiões mais desenvolvidas dos países pobres.” (Santos, 2001, p. 88). A informação corre entre as regiões do espaço mundial, moldando a economia, a política, a cultura e a sociedade em um sistema global de vigilância.

A espacialidade do panóptico social é elencada, certamente, a começar pelo mecanismo mais urgente de decodificação científica: o ciberespaço. Para tanto, permite-se dizer, adentro dessa imersão, que: “As redes sociais podem ser vistas como uma extensão do panóptico digital e das estruturas psicopolíticas, em que as pessoas são incentivadas a se comportar de maneiras específicas e a criar uma imagem idealizada de si mesmas para objeto



de validação” (Silva, 2023, p. 114-115). A globalidade da internet impõe um processo violento de sistematização de olhos, a todo instante fixados em uma tela, desenvolvendo uma rede de conexão panóptica. Tudo funciona de acordo com as informações veiculadas, afinal: “o dispositivo de vigilância digital tem três elementos centrais: a informação, os bancos de dados e os perfis computacionais (*profiles*)” (Bruno, 2006, p. 154). São as informações geradas, promovendo o escopo do pensamento humano e centralizadas em plataformas digitais, que articulam a produção e o consumo. O direcionamento do comportamento humano é, pela atualidade, vinculado à constituição panóptica do ciberespaço.

Os olhos humanos tornam-se ajuizadores das informações uns dos outros, promovendo-as ou rejeitando-as e, dessa maneira, gerando estruturas digitais através de semelhanças e distinções. Grupos formam-se e julgam-se uns aos outros. Segue-se assim até a condução de um panóptico global pelo ciberespaço, ademais: “Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detendo um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (Foucault, 2014, p. 195). A internet é uma circunstância global, configurando o comportamento humano através do sistema de olhos vigilantes, diz-se isso pelo seguinte princípio: “O axioma que suporta o dispositivo panóptico – pode-se reconhecer aí a herança de Helvétius – é que as circunstâncias fazem o homem.” (Miller, 2008, p. 92). Desse modo, estar refém de olhos ajuizadores de nossas informações, olhos visíveis (com nomes) e olhos invisíveis (projetados com maior ou menor veracidade) perfazem o cotidiano de todos aqueles imersos ou não imersos no geopanóptico.

O controle desse sistema de olhos, estruturador de grupos, articula um processo de saber atrelado ao poder. Nesse passo, enfatizando as redes sociais, têm-se as empresas como principais dispositivos desse mecanismo, ao que, sem qualquer inocência, explicita-se: “As empresas apenas têm olhos para os seus próprios objetivos e são cegas para tudo o mais.” (Santos, 2001, p. 85). Esse abrir e fechar de olhos é o maior controle das empresas responsáveis pela administração das redes sociais que, apesar de “sociais”, são verdadeiramente privadas, em seus interesses condutores da moral do ciberespaço. Malgrado essa abrangência abstrata do espaço digital, o controle dá-se nos corpos em suas disciplinarizações; assevera-se, ainda, que: “Na realidade, tudo é transportado nas costas enormes da vida material: ela incha, tudo avança rapidamente; a própria economia de mercado incha às suas custas num abrir e fechar de olhos, amplia suas ligações.” (Braudel, 1987, p. 43). Novamente, o controle do geopanóptico é direcionado aos olhos em suas sentenças, abertas ou fechadas, ou ainda, mais abertas ou mais fechadas, controlando cada corpo mediante o juízo dos outros corpos tecendo a sociedade – soberana, vigiada, disciplinada – panóptica.

A concepção panóptica da sociedade admite-se enquanto global a partir do conceito aqui estabelecido de geopanóptico. Tudo se vê e, cada vez mais, as trevas são superadas pela luz, opõe-se o esconder pelo pleno revelar: “Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e se suprem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia.” (Foucault, 2014, p. 194). O intento, nessa perspectiva, é o de perceber a



sociedade em sua atualidade, em seu mecanismo, controlado por dispositivos em uma rede de aparelhos dimensionados pelos corpos. Nesse sentido, expressa-se: “O conceito do Panóptico instrumentaliza uma melhor percepção do funcionamento da sociedade e suas instituições, sendo esta análise uma possibilidade de preencher algumas lacunas historiográficas, pois privilegia temas como temporalidade e espacialidade” (Tôrres, 2007, p. 1). Dito isso, a geohistória – transmutada para a ideia de Terra-olho –, como empiria, é panóptica ao situar o espaço-tempo em sua historicidade rumo ao geopanóptico, isto é, da experiência efetiva da globalização.

As diretrizes da sociedade global são, tão já, os motores do advento da sociedade panóptica. Em propulsão, transpassa-se à época da atualidade por uma mundialização do espaço digital, alastrando a globalização em uma fase restritamente universal do mundo geográfico: “Na estrutura em redes, as organizações globais buscam maior agilidade, rompendo com as tradicionais noções de tempo e de espaço. Tal agilidade é repassada aos sujeitos. ” (Bessi; Zimmer; Grisci, 2007, p. 86). Exerce-se, portanto, o processo histórico, em sua diferencialidade, configurando um mecanismo mundial panóptico. Com isso, destrincha-se: “A técnica da informação [...] ela tem um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico. ” (Santos, 2001, p. 25). O império dos olhos é a grande conquista do panóptico global, ocasionando que o mundo seja visto e cada vez mais visto: muito embora o controle geohistórico (Terra-olho) seja estilizado internamente em múltiplas estruturas.

O geopanóptico, dessarte, concatena uma abordagem de compreensão da sociedade global. Trata-se da configuração da atualidade advinda da sociedade panóptica constituída pela trama de estruturas distintas entre si, cada uma entretecida por um sistema de olhos com informações similares: em um sistema de múltiplas estruturas. Cada estrutura, inclusive, pode ser entendida como um panóptico: “desconstruindo o panoptismo em panópticos plurais”⁶ (Brunon-Ernest, 2012, p. 17). De outro modo, compreende-se o panóptico global em uma diretriz múltipla, entramada em unidade pela globalização do espaço digital, logo: “este novo multipanoptismo opera em dois níveis: primeiro, o nível material, que envolve a vigilância cotidiana da ação social em si; e segundo, o nível da construção simbólica das normas dominantes de atitudes consumistas segmentadoras”⁷ (Jiménez, 2014, p. 187). Opta-se, aqui, por entender o geopanóptico de modo multipanóptico, dimensionando tanto a realidade, quanto a virtualidade, do mundo geográfico.

Por esse caminho, entende-se a realidade geográfica como um geopanóptico, sendo uma das vias pela qual pode-se entender a geohistória em sua empiria, em desenvolvimento múltiplo. Abarca-se do centro do sistema ocular-mundo às periferias de sistemas outros existentes a serem interconectados no sistema de olhos, ao mais, tem-se que: “ao invés de ser uma ferramenta de um Big Brother opressor, a *surveillance* contemporânea é utilizada por uma infinidade de ‘little sisters’, cujo objetivo principal é conhecer melhor o indivíduo consumidor através da invasão de todas as esferas da sua vida. ” (Menezes Neto, 2014, p. 532). Nesse sentido, diversos são os dispositivos na internalidade da mecânica do



geopanóptico. Em uma máquina de vigilância, entremetida no controle e na disciplina, tem-se a universalização do olhar. Com efeito, remete-se a um processo de vigilância global: “a vigilância sai de recintos específicos para permear toda a vida. A vigilância é universal no sentido de que ninguém está imune ao olhar. A vigilância também é universal no sentido de que, onde quer que novos sistemas sejam adotados, eles tendem a ter um caráter tecnológico semelhante.”⁸ (Lyon, 2007, p. 56). Nesse reduto, encontra-se o rumo de panoptização da sociedade global, em um devorar da Terra mediante aos olhos cada vez mais múltiplos para a projeção da sociedade capitalista no ditame violento do produtivismo e do consumismo.

Chega-se, por fim, a uma elaboração constitutiva da sociedade panóptica, traçando uma efetivação da geohistória sob o incitamento da globalização. O ciberespaço é, pois, o coração, em virtualidade, do espaço digital constituído pelo sistema de corpos aparelhados nesse mecanismo disciplinar. Os olhos fornecem a vigilância perpétua, conduzindo em juízos – por distinções e por semelhanças – a estruturação diferencial de grupos, vigilantes uns dos outros. A abertura e o fechamento desses olhos são regulados por dispositivos, enfaticamente através das intencionalidades de empresas digitais, convertendo o saber (pela informação) em poder (pelo controle). Disso, salienta-se o conceito da sociedade global como geopanóptica, enquanto mecanismo macrofísico do poder disciplinador do mundo geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de conceber a geohistória da sociedade panóptica, intencionou-se um estudo de constituição direcionada do passado ao presente. Para tanto, busca-se a experiência do espaço-tempo da atualidade a partir dos processos de tempo longo em uma escalaridade macrofísica do poder. Nesse intento, analisaram-se dois cursos de formulação geohistórica da sociedade: 1) do Panóptico como arquitetura circular à sociedade disciplinar e 2) da sociedade disciplinar à sociedade panóptica. Por essa abordagem, constituiu-se uma reflexão do mundo geográfico mediante as conversões entre poder e saber nas ditamizações dos corpos e das almas projetadas pelo capitalismo. Nesse sentido, buscou-se uma compenetração no mecanismo de poder proveniente da própria geohistória na configuração panóptica.

A etimologia de geohistória fundamenta a concepção de Terra-olho, um monóptico absoluto para o Mundo-visto. Em perspectiva conceitual, o panóptico é uma arquitetura circular, projeta uma torre que tudo vê circundada por celas que são perpetuamente vistas sem verem. Dito isso, na sociedade global, a Terra-olho estiliza-se em um panóptico de múltiplos dispositivos técnicos em uma estruturação de estruturas de olhos. Nas fases desse processo, estima-se: a sociedade de soberania, a sociedade disciplinar, a sociedade de controle e a sociedade panóptica. O império dos olhos realiza-se através da geopanoptização impondo, sujeitando e vigiando os indivíduos em seus corpos e em suas almas.

Portanto, a geohistória é empírica na constituição técnica da sociedade global. Assim, o geopanóptico, enquanto estrutura global de olhos, reconfigura-se internamente em semelhanças e distinções com múltiplas estruturas panópticas. Chega-se à noção multipanóptica da sociedade, cujo mecanismo central é o ciberespaço, a saber, ele sendo a



torre global que aprisiona os olhos dos múltiplos dispositivos em uma Terra-olho. Os celulares, computadores, câmeras, redes sociais, inteligências artificiais... são dispositivos do geopanóptico: perpetrando à suma vigilância de todos os olhos globalmente entrelaçados. Cada olho contém todos os demais, quer sejam os reais ou os virtuais.

A conversão entre saber (pela informação) e o poder (pelo controle) rege o geopanóptico, conduzindo o maquinário do capitalismo global. Nessa concepção, o produtivismo e o consumismo são legisladores dos comportamentos e dos pensamentos da sociedade panóptica. Em configurações de bolhas sociais e, adentro delas, de nichos sociais essas múltiplas estruturas panópticas integram-se no geopanóptico. A macrofísica dos olhos é ditamizada pelo geopanóptico, mecanizando os olhos abertos e os olhos fechados. Diante de tudo isso, confere-se à geohistória um sentido empírico, sendo um saber convertido em poder ajuizador da sociedade global. O geopanóptico é a própria sociedade global instaurada pelas sociedades panópticas.

NOTAS

1 - Tradução livre de: *“la géographie est elle-même pillée, assimilée à son tour par les sciences conquérantes de l’homme.... Songez à l’histoire géographique que nous avons essayé de promouvoir et baptiser géohistoire”*.

2 - Tradução livre de: *“Obliger la géographie à repenser, avec ses méthodes, son esprit, les réalités passées et, pour cette raison même, ce que l’on pourrait appeler les devenir de l’histoire.”*

3 - Tradução livre de: *“Songez à l’histoire géographique que nous avons essayé de promouvoir et baptiser géohistoire”*.

4 - Tradução livre de: *“Foucault located the disciplinary societies in the eighteenth and nineteenth centuries; they reach their height at the outset of the twentieth. [...] But what Foucault recognized as well was the transience of this model: it succeeded that of the societies of sovereignty”*.

5 - Tradução livre de: *“after World War II: a disciplinary society was what we already no longer were, what we had ceased to be. [...] These are the societies of control, which are in the process of replacing the disciplinary societies.”*

6 - Tradução livre de: *“deconstructing panopticism into the plural panopticons”*.

7 - Tradução livre de: *“este nuevo multipanoptismo opera a un doble nivel: primero, material, el de la propia vigilancia — hecha cotidiana — de la acción social; y segundo, el de la construcción simbólica de las pautas dominantes de unas segmentadoras actitudes consumistas”*.

8 - Tradução livre de: *“surveillance comes out of specific enclosures to permeate all of life. Surveillance is universal in the sense that no one is immune from the gaze. Surveillance is also universal in the sense that wherever new systems are adopted they tend to have a similar technological character.”*



REFERÊNCIAS

- BENTHAM, Jeremy. O Panóptico ou a casa de inspeção. In: TADEU, Tomaz (Org.) *O Panóptico*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 13-88, 2008.
- BESSI, Vânia; ZIMMER, Marco; GRISCI, Carmem. O Panóptico Digital nas Organizações: espaçotemporalidade e controle no mundo do trabalho contemporâneo. *Organizações & Sociedade*, v. 14, n. 42, p. 83-96, 2007.
- BRAUDEL, Fernand. A dinâmica do capitalismo. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.
- BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII: os jogos das trocas. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, v. 2, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII: o tempo do mundo São Paulo: Martins Fontes, v. 3, 1996.
- BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. Gramática das civilizações. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. La Géographie face aux sciences humaines. *Annales de Histoire, Débats et combats*, a. 6, n. 4, p. 485-492, 1951.
- BRAUDEL, Fernand. La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Paris: Armand Colin, 1949.
- BRUNO, Fernanda. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. *Revista Fronteiras, São Leopoldo*, v. 8, n. 2, p. 152-159, 2006.
- BRUNON-ERNEST, Anne. Deconstructing panopticism into the plural panopticons. In: BRUNON-ERNEST, Anne. (Ed.). *Beyond Foucault: new perspectives on Bentham's Panopticon*. London: Ashgate Publishing Limited, p. 17-41, 2012.
- DELEUZE, Gilles. Postscript on the societies of control. *October*, MIT Press, v. 59, p. 3-7, 1992.
- DOSSE, François. O recurso geográfico dos historiadores. In: DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru: Ed. USC, p. 115-148, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- JIMÉNEZ, Rafael. El nuevo “panóptico” multidireccional: normalización consumista y espectáculo. *Culturales, época II*, v. 2, n. 1, p. 187-214, 2014.
- LYON, David. *Surveillance studies: an overview*. Cambridge: Polity Press, 2007.
- MELGAÇO, Lucas. Protestos na era da informação: panóptico, visibilidade sinóptica e outras formas de ver e ser visto. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 258-269, 2016.
- MENEZES NETO, Elias. Vigilância ou *surveillance*? Proposta para começar a compreender corretamente este fenômeno. In: ROVER, Aires; CELLA, José; AYUDA, Fernando (Org.). *Direito e Novas Tecnologias*. Florianópolis: CONPEDI, 2014.
- MILLER, Jacques-Alain. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: TADEU, Tomaz (Org.) *O Panóptico*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 89-126, 2008.
- MOLINA, Daniela. A narrativa e a construção do conhecimento histórico. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2014.
- RIBEIRO, Guilherme. Fernand Braudel e a geo-história das civilizações. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 18, n. 1, p. 67-83, 2011.
- RIBEIRO, Guilherme. A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-história e a longa duração. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 22, n. 2, p. 605-639, 2015.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.



SANTOS, Rômulo; PORTUGAL, Francisco. O panóptico e a economia visual moderna: do panoptismo ao paradigma panóptico na obra de Michel Foucault. *Psicologia Política*, v. 19, n. 44, p. 34-49, 2019.

SILVA, Aldo. “Olho mágico”: dispositivo para mediação do olhar. *Ouvirouver*, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 284-300, 2013.

SILVA, Fabiano. Panóptico digital e estruturas psicopolíticas. *Logeion: filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 106-123, 2023.

TÔRRES, Pablo. A historicização do panóptico foucaultiano. *In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – Associação Nacional de História (ANPUH)*, São Leopoldo, p. 1-8, 2007.